

MULHER NASCE MULHER? CLARICE LISPECTOR: COLUNISTA E AUTORA DE *A HORA DA ESTRELA*

Lídia Maria Nazaré Alves*

RESUMO:

No primeiro momento desse trabalho me detive nos artigos escritos por Helen Palmer (pseudônimo de Clarice Lispector) nos fins da década de 50 e começos da década de 60. Esses textos foram publicados no jornal O Correio da Manhã, com o título de "Correio feminino". Nesse pequeno espaço a colunista dava conselhos para uma provável construção da feminilidade da mulher burguesa dentro dos esquemas ideológicos desenhados pelo sistema de sexo-gênero. Em um segundo momento, aproximei-me do estudo de A hora da estrela, onde se constata a desconstrução da imagem de mulher elaborada nos artigos.

PALAVRAS-CHAVE: *gênero, construção, desconstrução, negociação.*

Penso que o título desse ensaio possa sugerir um certo *nonsense* aos que se dedicam aos estudos de gênero e aos leitores familiarizados com a obra de Clarice Lispector. Isso porque ele abala algumas idéias quase cristalizadas no meio acadêmico. Com Simone de Beauvoir acredito que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Essa idéia vêmo-la reiterada em obras que nos levam a perceber que os sistemas culturais criam o gênero masculino e feminino. Idéia polêmica porque a cultura tradicional tende para o ocultamento dessa construção, fazendo-nos acreditar na originalidade dos gêneros, já que isso lhes convém, porque "refuerzam lineamientos de poder, dominancia y autoridad", conforme Nelly Richard (1993: 11). Uma das escritoras que atentam para o desocultamento da originalidade do gênero é Clarice Lispector. Ela o faz tanto pelo viés temático quanto pelo viés expressivo-simbólico. No primeiro caso, suas personagens são levadas à busca de seu eu "sem máscaras". No segundo caso, ela tece sua narrativa calcada na desconfiança de que a linguagem, enquanto

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2001.

sinal estável, não é capaz de representar o ser em sua totalidade (existe algo, próprio do ser, que é da ordem do inominável: trata-se de sua identidade pura, de sua plenitude). Uma forma de abordar essa impossibilidade é deslizando do literário (onde a comunicação se estabelece entre texto e leitor) para o literal (onde o significado se dilui, virando sopro).

O que observamos até aqui é que as idéias de Simone de Beauvoir e Clarice Lispector, complementam-se. Sendo assim poderíamos perguntar qual a razão do questionamento no título do ensaio. O tom interrogativo advém do estranhamento que tive ao me deparar com a leitura da novela, também de Clarice Lispector, *A hora da estrela*. Nesse espaço, a construção da personagem Macabéa não segue os mesmos paradigmas das construções das personagens femininas de importantes romances e contos anteriores. A título de exemplificação, recorro a GH de *A Paixão Segundo GH*. Naquele romance a protagonista começa e termina a ação num processo contínuo de descoberta de si mesma e do Outro: "Mas agora, através de meu mais difícil espanto – estou enfim caminhando em direção à destruição do que construí, caminho para a despersonalização" (Lispector, 1997: 177). O mesmo ocorre com a personagem Ana do conto "Amor" de *Laços de Família*. Neste, ela é levada a realizar a travessia do mundo exterior para o mundo interior, *locus* onde re-encontra seu antigo "eu" quase já esquecido, como sugere o seguinte excerto: "Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhará-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos. Com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolverá e suplantará a íntima desordem" (Lispector, 1960: 18).

Contrariamente a essas personagens, a construção de Macabéa se dá por outras vias. Pode-se dizer que ela é o avesso das outras. Alienada, é levada a fazer a travessia da sua vida "primária", interior, para a vida exterior. Despreparada para a empresa, é atropelada e morre. Só esse trabalho diferenciado na construção das personagens já seria motivo bastante para muitos questionamentos e reflexões. Todavia, o que reforça nosso interesse são as palavras escritas nas páginas finais da novela. Ei-las: "Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido" (Lispector, 1992: 103). Detendo-me nesse ponto, pergunto-me sobre as possíveis causas que levariam a autora à tessitura de uma história ao avesso das anteriores. Desse questionamento nasceu o título desse ensaio.

Podemos destacar alguns motivos. Primeiro, o desejo de que sua obra atingisse um público maior, a fim de que sua personagem fosse conhecida. Diz o narrador interposto e nomeado Rodrigo S.M.: "O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida" (Lispector, 1992: 27). Para isso precisava atraí-los. Daí a clareza da história de Macabéa. Segundo, o desejo manifesto de safar-se de uma hipotética acusação, conforme o narrador: "É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que eu quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela" (31). Terceiro, o desejo de desabafo. Novamente o narrador: "Porque há o direito ao grito. Então eu grito" (27).

Reunindo todos esses motivos, podemos dizer que *A hora da estrela* revela a grande necessidade da escritora de colocar o leitor a par (só que de forma mais explícita) da existência daquele sistema cultural abandonado por GH e Ana. Na novela são veiculados vários aparelhos ideológicos de estado (Althusser, 1980: 43-4). O olhar da escritora explora mais os da informação (rádio, imprensa e cinema), que acreditamos funcionar como uma "tecnologia de gênero", na esteira de Teresa de Lauretis¹ (1994: 206).

A personagem nordestina é construída em oposição aos estereótipos veiculados pelos *mass media*. Seu *hobby* é colecionar anúncios de jornais velhos e ir uma vez por mês ao cinema ver Marilyn Monroe. Aliás, ela deseja ser igual à artista hollywoodiana. Posteriormente, deseja ser bonita para atrair o olhar masculino. Todavia, não consegue nem uma coisa nem outra. Morre. Curioso é que o narrador sente-se aliviado com o final. "E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?! Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos. Sim" (Lispector, 1992: 106). Mas não é assim que nos sentimos no final dessa história "inacabada" segundo Clarice Lispector (1992: 22). Certas expressões utilizadas, sobretudo nas páginas finais, causam certo mal estar no leitor. Eis algumas delas: "Até tu Brutus?!", "Não me consumam! Não sou vendável!", "Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume" (Lispector, 1992: 105-5). Esse mal estar nos leva a

buscar em outras obras da autora algo que justifique mais a escritura dessa obra derradeira.

Nessa nossa busca descobrimos uma outra faceta de Clarice Lispector velada sob o pseudônimo de Helen Palmer. A colunista era responsável pelos artigos da coluna "Correio feminino", do Jornal *O Correio da Manhã*, ao final da década de 50 e início da década de 60. A coluna era editada às quartas e sextas-feiras, no segundo caderno do jornal, de agosto de 1959 a fevereiro de 1961. Contrariando sua produção literária ("hermética" para alguns e promovendo "a inscrição do sujeito feminino na história" para outros) mas bastante parecidos (tanto pelo viés temático quanto pelo viés expressivo-simbólico), com a novela *A hora da estrela*, os artigos podem ser analisados como um dos tentáculos do sistema de *genderização* cultural. Seu discurso promovia o estabelecimento de uma fronteira muito rígida entre o masculino e o feminino. O título da coluna fala por si e o tom de alguns artigos faz-nos ver que essa fronteira já apresentava suas fissuras, dada a emancipação da mulher, possível razão para que a voz da colunista se fizesse ouvir, contribuindo assim com a manutenção da ordem simbólica. O artigo intitulado "Qualidades para tornar a mulher mais sedutora", acena para o fato:

Os tempos modernos trouxeram a emancipação da mulher em quase todos os campos. Eis um grande bem. No entanto, muita confusão se fez em tôrno [sic] disto e o que se vê é que muitas representantes do sexo feminino entendem que ser emancipada e ter personalidade marcante é imitar os homens em tôdas [sic] as suas qualidades e defeitos. A agressividade, o hábito de tomar atitudes pouco distintas em público e muitas outras coisas vêm prejudicando a beleza da mulher e tirando-lhe o predicado que mais agrada os homens: sua feminilidade. A faculdade de ser diferente dos homens em atitudes, palavras, mentalidade. (Palmer, 1960)

Segundo a colunista a feminilidade é a faculdade de ser diferente dos homens em atitudes, palavras, mentalidade. Dito isso, ao relembrar à mulher emancipada o que é o próprio do feminino, resgata os mesmos mitos construídos pela tradição: saúde, mocidade, beleza e, conseqüentemente a maternidade e os cuidados com o lar. Todos voltados para a mulher como objeto simbólico ou, como prefere Pierre Bourdieu (1999: 82), como "ser percebido". Cedamos-lhe a palavra:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em

permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego.

O artigo do dia 23 de dezembro de 1959, intitulado "O dever da faceirice", esclarece.

A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam êsse [sic] dever primordial para a conquista do homem. Afinal, podemos pensar deles o que quisermos, mas precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo? Façamos, portanto, por conquistá-los. (Palmer, 1959)

Tudo indica que, além do trabalho da colunista ter que fazer valer o referido sistema mítico, também ela deveria estar de acordo com ele ou, então, fingir que estava. Ou ainda, pelo menos ter experimentado os traços distintivos da classe dominante. De fato, lembra-nos Bourdieu, há uma inclinação social de se oferecer às mulheres funções sociais análogas às que lhes foram confiadas pela tradição, como a produção de bens e serviços simbólicos. E essas funções surtem melhores resultados quando destinadas às mulheres da pequena burguesia, porque, diz ele,

(m)arcadas pela aspiração de se identificarem com os modelos dominantes – como o comprova sua tendência à hipercorreção estética e lingüística –, elas estão particularmente inclinadas a se apropriarem, a qualquer preço (isto é, na maior parte das vezes, a crédito), das propriedades distintivas, por serem as que distinguem os dominantes, e a contribuírem para sua imperativa divulgação em favor, sobretudo, do poder simbólico circunstancial, que pode assegurar a seu proselitismo de recém-convertidas uma posição no aparelho de produção e de circulação dos bens culturais (por exemplo, em jornal feminino). (Bourdieu, 1999: 121)

Embora a citação possa parecer direcionada – acredito que muitos pensam assim – era esse o papel de Helen Palmer: o de contribuir para a produção desses sinais de distinção que iam dos produtos ou serviços de estética à alta costura ou à cultura erudita que ela, às vezes, fazia circular. Atitude bastante coerente com o tipo de vida que Lispector tinha antes de voltar para o Brasil. A leitura da carta enviada à sua sogra elucida nossa fala:

Pretendemos aproveitar o fato de termos alguém de tão absoluta confiança (diplomada) para umas férias, talvez na Côte d'Azur. Maury e eu estamos precisando. – Nenhuma novidade mais, senão que esta semana é cheia de graves compromissos sociais ... O ministro e a família almoçaram hoje aqui (seu trabalho de tricô foi muito admirado), hoje ainda temos um cocktail. Amanhã jantamos com o presidente da Confederação na casa do ministro; almoçaremos com o ministro do Exterior na Legação. Em seguida devemos retribuir as amabilidades do ministro-conselheiro da França com um jantar ... (Gotlib, 1995: 261)

Obviamente nosso argumento não impede que se refleta de forma mais acurada sobre a veracidade da liberdade (ou não) de ação da colunista. Abordando essa questão, Bourdieu afirma que essas "trabalhadoras livres" acabam sendo vítimas do sistema do qual pensavam estar libertas.

Depois dessa exposição cremos que já podemos compreender os motivos que desencadearam a trama da última novela. A autora deu a sua parcela de contribuição na construção de um sistema que promove a diferença de gênero e das relações sociais de gênero, porque desconsidera a diferença. Por isso todo o mundo de Helen Palmer foi transladado para *A hora da estrela*. É nessa última novela que a escritora, já bastante fragilizada pelas agruras da vida e também por conta do câncer que a tomava dia-a-dia, teve a oportunidade de desconstruir as idéias divulgadas naquele período da juventude, quando escrevia para a coluna. Essa desconstrução, como acontece também noutras obras de Clarice, se dá de forma bastante tranqüila, equilibrada. Trata-se mais de

una táctica para descentrar, una manera de abordar la lectura que ante todo nos permite advertir la centralidad del componente central. Luego, intenta subvertirlo para que la parte marginada pase a ser la central y temporariamente elimine la jerarquía. (Powell e Howell, 1977: 28).

De fato as estrelas hollywoodianas, que ocupavam o centro na coluna, ocupam a margem na novela. Eis uma forma inteligente de chamar a atenção para o Outro, no caso uma nordestina, que não se enquadrava nos padrões de feminilidade de Helen Palmer. Para acentuar melhor esta questão a escritora opta pelo grotesco no trabalho de construção da personagem Macabéa. Contrariando a idéia da colunista, que via no corpo o depositário das especificidades de gênero, o corpo de Macabéa é doente e incapaz de absorvê-las. Um corpo signo de denúncia e resistência. Denúncia porque se reconhece excluído do *socius* devido à impossibilidade de ser genderizado

nos moldes dos discursos dominantes. Resistência, porque reconhece que sua construção prescinde de sua ação e vontade primeiras. Espécie de corpo-objeto no qual o discurso dominante opera as marcas de gênero. Macabéa é pois a metáfora de que se serve a autora para denunciar quaisquer práticas pedagógicas hegemônicas destinadas à formação e/ou reprodução do gênero, cerceando à mulher (mas também ao homem) seus direitos como pessoa humana.

Já querendo concluir esse estudo acredito ter elucidado a frase final da novela que nos ocupou e motivou. Macabéa é mulher. Só que esse seu "ser feminino" aparece abstraído das especificidades de gênero – "vida primária que respira, respira, respira" – que a tecnologia de gênero apregoa. A criação dessa personagem nesse estágio primário de vida acena para a necessidade de (re)organização dos nossos arranjos de gênero e faz vermos melhor que sexo e gênero não são a mesma coisa. Enquanto o primeiro está ligado ao biológico, o segundo está mais ligado ao social.

Como vimos, a coluna de Helen Palmer é um ponto interessante para a crítica feminista que deseja colocar a descoberto os processos textuais de construção de gênero, desnaturalizando-os. Mas esses estudos devem ocupar-se igualmente de outras formas de exclusão, optando pelo estudo de todas as práticas sociais que se ocupam da formação de sujeitos excluídos devido à impossibilidade de inclusão nesse processo seletivo e hierárquico de *genderização*.

NOTA:

1. Como bem lembrou Teresa de Lauretis, o sistema de sexo-gênero além de ditar a identidade de gênero, "atribui significados outros aos indivíduos na sociedade, tais como: valor, prestígio, posição de parentesco, *status* dentro da hierarquia social etc." (1994: 212).

RESUMEN:

Este trabajo surgió del deseo de reflexionar sobre dos posturas antagónicas que notamos en la escrita de Clarice Lispector. Las crónicas escritas a finales de la década de 50 y comienzos de la de 60 y A hora da estrela, de la década de 70. En un primer momento la columnista daba consejos para una probable "construcción" de la feminidad de la mujer burguesa. En un segundo momento observamos la desconstrucción de la imagen de mujer elaborada en las crónicas.

PALABRAS CLAVE: *género, construcción, desconstrucción, negociación.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, [s. d.].
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. v. 1 e v. 2. 9. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- GOTLIB, Nádya Battela. *Clarice: uma vida que se conta*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 19. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Laços de família: contos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sabiã, 1960.
- PALMER, Helen [Clarice Lispector] *Correio feminino: feira de utilidades*. In: *O Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1959-60.
- RICHARD, Nelly. *Masculino/ Feminino: práticas de la diferencia y cultura democrática*. Santiago: Francisco Zegers Editor, 1993.

ANEXOS

Correio feminino
FEIRA DE UTILIDADES
HELEN PALMER



Vestido e jaquetada semi-entalhada, com dois bolsinhos baixos e grande gola aberta. Mangas três-quartos. O vestido leva amplo corpete

SE O SEU FILHO É "PROBLEMA"

A culpa, minha amiga, é do método de educação que você está empregando. É preciso compreender o seu filho. É o caminho principal para chegar a essa compreensão é o amor. Amar um filho, porém, não é absorvê-lo, dominá-lo, moldá-lo às idéias e aos objetivos dos pais. Esse erro, muito comum entre pais que desejam ver seus filhos vitoriosos, provoca na criança ou na adolescente a reação para fugir à sufocante atmosfera do lar. A personalidade desses jovens quer firmar-se, e o faz, escolhendo caminhos quase sempre errados e prejudiciais a eles mesmos. Procuram agir "contra" os ensinamentos e as imposições dos pais, dando a impressão a estes de ingratitude, maus instintos e falta de sentimentos. Cria-se o ambiente de desconfiança e ressentimento mútuos.

Outro erro na educação dos filhos é o "respeito" levado ao excesso. Manter os filhos à distância, destruindo qualquer elo amistoso, torna pais e filhos estranhos entre si, criando na criança o sentimento de abandono e solidão. "Quando ele estiver maior para compreender-me..." é como alguns pais desculpam essa maneira de proceder. Errado. Quando a criança tiver se transformado em adulto será tarde demais. Nada mais poderá então uni-lo aos pais.

Também a bondade excessiva, a condescendência exagerada, afetam e prejudicam o seu filho. Os pais que acedem a todos os caprichos infantis, que se lhes curvam sempre, passam a ser considerados pela criança um brinquedo, quando muito um companheiro de brincadeiras mais fraco. O filho não sente nos pais a proteção, a compreensão e o apoio de que precisa. Sente-se, pelo contrário, desaparelado. Perde a confiança que deveria ter nos adultos.

Não se formulam leis gerais para a educação de uma criança. É verdade que existe a lei-base para todas, e que é a compreensão através do amor. Mas os métodos de aplicá-la variam de acordo com o temperamento, a sensibilidade, os sentimentos de cada um de nossos filhos. Cada criança é um mundo novo, e cabe aos pais descobri-lo para conquistá-lo e fazê-lo frutificar.

MANCHAS DE LAPIS-TINTA

Para retirá-las, aplique uma mistura de álcool e amoníaco na proporção de 2 para 1, esfregando o local manchado. Pode repetir a operação.

PARA REAVIVAR A CÔR DOS TECIDOS

Quando a côr dos tecidos estiver desbotada, não pela ação de ácidos mas por outra qualquer razão, pode-se reavivá-la com massa de batatas ou fécula de batatas.

LEIS PARA OS FUMANTES

- Quando estiver em algum local onde seja proibido fumar, obedeça a essa proibição que tem sua razão de ser.
- Nunca fume no quarto de um doente, no de uma criança, ou em locais pouco arejados como um elevador.
- Não entre na casa, onde você vai de visita, com o cigarro aceso. É falta de educação.



NÃO SOMENTE O ROSTO DEVE SER EMBELEZADO

Se você cuidar de seu rosto, massageá-lo, pintá-lo, e esquecer o colo e o pescoço, dentro em pouco um estará moço e bonito e os outros velhos, enrugados e felos. Para evitar isso, espalhe os cremes e o "maquillage" até onde alcançar o seu decote. Também os braços e as pernas deverão receber seus cuidados de beleza.

"A bondade consiste em estimar as pessoas mais do que elas merecem."

J. JOUBERT

AS APARENCIAS ENGANAM

Madame de Montespan ficou famosa pela riqueza ostensiva de seus vestidos. Usava-os de ouro, assombrando e provocando a inveja das outras mulheres da corte. Estas, porém, não tardaram a descobrir que, sob aquelas vestes riquíssimas, escondia-se uma das mulheres mais mal cheirosas e sujas que já houvera. E da inveja passaram ao desprezo e às anedotas.

MEDICINA DE EMERGENCIA

Em caso de intoxicação, deve-se tomar 1 ou 2 copos de leite ou 15 a 30 g de farinha de trigo batidas num litro de água, para neutralizar o efeito do tóxico. Pode-se tomar também 4 claras de ovo batidas num litro de água. Deve-se provocar o vômito e, se for conhecido o veneno ingerido, deve-se administrar imediatamente o antídoto.

BOLSAS E RUGAS SOB OS OLHOS

A causa desse inimigo da beleza feminina pode ser tensão nervosa, perda de horas de sono, ou cansaço físico ou mental. Como tratamento auxiliar — pois todo mal deve ser combatido na sua origem — faça uma massagem no local, com um bom creme, com as pontas dos dedos, delicadamente, em movimentos circulares, ou em pancadinhas leves.

LIMÃO PARA DORES DE ESTÔMAGO

Umaz gotas de limão adicionadas ao café é um ótimo calmante para dores e cólicas de estômago.

CONSELHOS UTEIS

1. Para impermeabilização das solas dos sapatos de couro basta passar sobre eles um pouco de óleo de ricino.
2. Para evitar que as peças de seda branca amarelecem, pingue algumas gotas de limão em água morna, e use sabão de côco.
3. Para abrir um caixote com facilidade, basta passar-lhe nas bordas um pouco de sabão ou de espermacete.

CURIOSIDADE

Conta a lenda que a sêda foi descoberta pela esposa de um imperador chinês, a qual passeava pelos jardins de palácio quando se interessou por uns bichinhos que estavam devorando as folhas de uma certa árvore — amoreira — e que teciam um longo fio à volta de si mesmos, formando um casulo. Curiosa, a Imperatriz aproximou-se e puxou a ponta de um daqueles fios, sem arrebentá-lo. Encantada com a sua maciez, o seu brilho e a sua resistência, levou-o para o imperador, que também se interessou. Estava descoberta a sêda, que cobriria e enfeitaria as mulheres mais bonitas do mundo. A China guardou o segredo da extração da sêda, enriquecendo com a exportação desse tecido para a Pérsia, Roma e Índia. Mas, certo dia, à custa de torturas, conseguiram os árabes arrancar de um prisioneiro o segredo precioso. E até hoje ainda são os orientais os maiores fabricantes da sêda. Para se conseguir um quilo de sêda são necessários cerca de sete mil casulos.